João Lebre e Lima

O CLARO RISO MEDIEVAL

Libros de Baubo

Asociación de Estudios Literarios y de Cultura

Estudios sobre la risa

O CLARO RISO MEDIEVAL

JOÃO DE LEBRE E LIMA

O claro riso medieval

CONFERENCIA LIDA PELO AUTOR, NO PRIMEIRO SALÃO DOS HUMORISTAS E MODERNISTAS, REALISADA NA CIDADE DO PORTO 14 – VI – 915

LIVRARIA CHARDRON
DE LELO & IRMÃO, EDITORES
PORTO

ÁOS EXPOSITORES E CONFERENTES

DO

PRIMEIRO

SALÃO DOS HUMORISTAS

ORGANISADO NO PORTO.

HOMENAGEM DE

ADMIRAÇÃO, RECONHECIMENTO E SIMPATIA.

J. de L. e L.

Quand une chose me plaira, je ne prétends pas qu'elle te plaise, encore moins qu'elle plaise aux autres. Le ciel nous préserve des legislateurs en matière de beauté, de plaisir et d'émotion! Ce que chacun sent lui est propre et particulier comme sa nature; ce que j'éprouverai dépendra de ce que je suis.

TAINE — *Voyage en Italie.*

Minhas Senhoras
Meus Senhores

Eu não sei de período histórico que mais malsinado tenha sido, por quanto arengadôr comicieiro se tem lembrado de evocal-o, que êsse que pelo nome dá de Meia-Idade, fecundo e generoso período que a erudição moderna, ha uns lustros a esta data, com tão desvelado carinho vem reabilitando, para mór desespêro e atarantação dos que na "noite dos seculos„, "treva da Humanidade„ e "aviltamento do espírito humano„ encontra-

ram bordões cómodos a que apoiar a sua indolencia intelectual e o seu arripiante desdém pelos processos honestamente scientíficos de fazêr ou espalhar a História. E é com um regalo um tudo-nadinha perverso que eu esfrego as mãos a cada nova descoberta, visionando a desorientação sempre maior que vai por casa do Senhor Logar-Comum e de sua estimavel consorte, Mme. Frase-Feita.

Popularisada pelo espírito sectarista da Renascença, ainda conserva raíses teimosas no cérebro contemporáneo a impressão de que a Idade-Média mais não foi do que uma deprimente crise, em que tudo quanto de nobre existe no homem correu sério risco de naufrágio.

Porque, ao alvorecêr do cristianismo, das landes e florestas bravías da Germánia, alguns milhares de teutões, brutais e fortes, como vaga assoladora descêram

até aos países que se abrigavam sob a asa, já então desplumada, da águia romana e porque, esfacelado o Império que assombrára o mundo, essas rudes hordas batalhadoras durante alguns centos de anos rijamente se haviam disputado os pingues bocados da prêsa, logo para o critério racionalista, factício, estreito, dos humanistas do *Quattrocento* os dez séculos que precedêram a ressurreição da cultura greco-latina se tornaram num grosseiro e despresivel rosário de ladroagens, devassidões e carnificinas — assim como que uma jaula enorme em que um bando faminto de ursos se entredevorasse, enraivado e excitado pela sangueira.

Por outro lado, as preocupações doentias do *au-delà,* os terrôres do inferno e o papel capital que a Egreja desempenhou em todas as grandes crises da épo-

ca, criaram a lenda de que os tempos medievos haviam coalhado em todos os lábios os sorrisos e as palavras de alegria, tornando o mundo num gelado claustro de convento, aonde ninguem se atrevia a falar alto, com mêdo de perturbar o sussurro das litanias e dos *Kyries*.

O mundo era demasiado estreito para nêle cabêrem à vontade outras figuras que a do frade e a do cavaleiro não fossem. E como por traz do burel monástico se ocultava o mistério da Divindade, isto é, a incertêsa do *além*—que tanto podia sêr o paraíso como as labarêdas implacaveis do inferno—e a cota de malha dos guerreiros apenas prometia mortes, pestes, assolações e fome, inferiu-se levianamente que, da queda de Roma á queda de Bisáncio, a alegria se exilára duma terra que a não compreendia, tão absorvidas andavam as almas pelo cui-

dado da própria salvação e os corpos pelo terror da morte sempre presente.

A própria catedral gótica (que é o mais intenso himno de júbilo que conheço) foi erradamente encarada como um simbolo de tristêsa, de dolorosa anciedade, de cobardia até [1]!

Essa arquitectura de sônho, tão fragil e amável aos olhos como uma velha renda de Malines ao tacto, foi inventada, disse-se, para enternecêr, para subornar manhosamente Jehovah, tão ríspido e intransigente como nos tempos remotos do Exodo e do Pentateuco.

Não se amava Deus, como não se amava o rico-homem feudal. Mas pagava-se o tributo a um e a outro para arredar calamidades da beira da porta.

Assim se figuraram a Idade-Média os contemporáneos de Lourenço de Médi-

[1]) H. Taine, *Philosophie de l'art*, 1.º vol.

cis: aos pés do lirio mistico de Dante Alighieri a acha de armas, pingando sangue, de Gilles de Rais — o Barba-Azul da legenda.

Assim tambem a imaginamos nós ainda, os melancólicos e scepticos contemporáneos de Mr. Anatole France e da politica parlamentar.

Certo, muito de exacto se pode topar no fundo deste conceito.

Efectivamente, ao desabrochar da era actual, o homem assistiu a um espectáculo de catástrofes e horrores capaz de desconcertar a imaginação do mais absurdo creadôr de *films* cinematográficos ou do mais fantasioso *metteur-en-scène* de grand-guignolescas tragedias. Durante cêrca de duzentos annos (que

tanto durou a invasão ocidental dos bárbaros, ou, na xaroposa denominação tudesca, a migração dos povos) um ciclónico vento de agonia e desvairo sacudiu toda a Europa, de Bisancio — ultimo santuário do heleno-romanismo — ás praias fecundas do Atlantico.

O imperio dos cesares, perdida a virtude antiga dos seus homens e relaxado o culto severo do exclusivismo da *civitas*, arquejava sôb a nuvem de extrangeiros, que, espontánea ou forçadamente, acorriam a Roma de todos os cantos do mundo, e morria, asfixiado, de beiços colados sofregamente aos seios morenos e lascivos das escravas asiáticas e ás gargantas firmes e frias das loiras mulheres do Norte — que tinham grandes pupilas azúes de creança e provocantes receios de gazela, que os halalis de caça desorientam.

Os membrudos legionários, que desbaratavam as coortes de Anibal e sob todos os sóes haviam passeado a águia de oiro da *Roma Victrix*, já não podiam com o rijo casco dos tempos heroicos e usavam agora um chapéo leve e nem couraça traziam. Dos campos desertava a população rural, que para as cidades enveredava, sequiosa de partilhar as inéditas volúpias dos triclinios em festa. E já não era sómente ao claro Apolo e a Venus Anadyómene que Roma erguia altares votivos e sacrificava as réses e os fructos do ritual litúrgico, mas a quantas misteriosas e tenebrosas divindades esquálidos profetas lhe traziam dos confins dum Oriente rutilante e exasperado e hirsutos druidas, cobertos de alvas túnicas de linho, importavam das florestas sombrias e metafisicas da Gália.

Foi então que os Bárbaros apetecê-

ram a cortesan romana, que, nos átrios de mármore e sôb o olhar vasio das estatuas, uivava de luxúria monstruosa, entre cacos de taças estilhaçadas e sôb um chuveiro continuo, embriagante, exaustivo, de pétalas de rosa.

E a epopeia do Fim principiou . . .

De norte a sul e de oriente a ocidente, um frémito de terrôr galvanisou a carne entorpecida do heroi, que ia morrer — que inexoravelmente ia morrer.

Num derradeiro lampejo de coragem, dessa coragem sublimada e excelsa que lhe déra mundos e a sua quadriga de triunfo acorrentara cem raças, êle ergueu-se, então, cambaleante, meio tonto da ultima bacanal, e, sacando do pesado gladio de Rómulo e Remo, tentou ainda uma desesperada resistencia á investida dos que lhe cobiçavam as pedrarias das arcas e a carne voluptuosa e dôce das mulheres requintadissimas.

Mas, ai! aos músculos do seu braço não acudiu o vigor de outros tempos — e dos seus dêdos afusados, femininos, cobertos de joias, o gladio das victorias desprendeu-se e, ao bater no mosaico do chão, partiu-se em mil bocados, com um ruido sinistro de bronze que se lamenta . . .

E os Bárbaros entraram.

E os Bárbaros entraram, de roldão, como um *sirocco* de inferno, talando campos, incendiando cidades, semeando a morte e o horrôr por onde passavam. Á sua aproximação burgos inteiros se despejavam de habitantes e as legiões, que o desuso da guerra amolentára, fugiam tambem, mordidas de terrôr pánico.

Foi um éxodo trágico, que nenhum Rochegrosse poderá ressuscitar!

Sôbre as terras do Império agonisante a morte desdobrára as azas rigidas e o Imperio acabava, afogado em tristêsa pela brutal profanação . . .

Mas, mais alto ainda que o desespêro estridente das mulheres e o clamor ululante dos vencidos, subia a gargalhada satisfeita, a imensa gargalhada das hordas victoriosas. Riso de embriaguês, riso de insania, que importa? era um riso que fazia estremecer a terra inteira e sob a abóbada do céo écoava como um himno triunfal!

Depois . . .

A Historia aqui balbucia.

Pouco a pouco a tempestade amainou. Das inúmeras tribus, lançadas como irresistiveis arietes contra a muralha latina, umas, levadas pela vertigem de epo-

peia que os seus chuços de guerra andavam escrevendo, desabaram caudalosamente sobre a Iberia e, atravessando o mar, foram perder-se nas areias de Africa, como regatinhos míseros, que o deserto facilmente engole; outras — a maioria — menos ambiciosas, ou mais extenuadas de tanto pelejar, cravaram no chão as suas tendas de pele de cabra e a primeira noite dormida em sólo romano foi a primeira de uma Hístoria nova, de um mundo novo.

Para traz de elas e ao seu redor nada restava da luminosa sociedade que sabia de cór hexámetros de Horacio e com Petronio aprendêra a arte subtil de enrugar uma toga. Palacios, termas, sumptuosos pórticos e até humildes cabanas de tijolo jaziam por terra, desfeitas em cinzas, que fumegavam ainda. E as estatuas mutiladas pela primeira vez sentiram

aflorar aos seus olhos de marmore, divinamente impassiveis, uma lagrima de humana piedade . . .

A Belêsa antiga morrêra!

Debalde os invasôres, num supersticioso temor de *parvenus* selvagens, tentaram ressuscital-a e com ela o mecanismo complicado e sabio da administração romana.

" Começou-se a restauração dos aqueductos, banhos e teatros; chegou-se mesmo a edificar monumentos novos, como o palacio de Verona e a basilica de Ravêna. Os espectaculos recomeçaram, reabriram as escolas de retórica. Mas os Godos não toleraram por muito tempo similhante regimen. Após a morte de Teodorico, como a rainha Amalasonte tivesse confiado a educação do filho a preceptores romanos, os principais guerreiros exigiram-lhe que a creança

fosse educada com os seus camaradas, para com eles aprender a caça e o manejo das armas, conforme era de uso entre bárbaros (1)„.

Este episódio melhor que nenhum outro revela a fisionomia moral da Idade Média dos primeiros séculos.

O vinho novo não se acomodava nos ôdres velhos. O pesado estatismo latino embaraçava, sufocava os movimentos de aqueles homens que traziam, de longe, um zeloso culto pela dignidade e liberdade do individuo.

Tudo, na civilisação que o Lacio cultivara ao longo das duas Europas, meridional e central, se opunha e resistia á absorpção. Roma era um estado enorme, disciplinado, culto e homogéneo, a des-

(1) CH. SEIGNOBOS — *Histoire de la Civilisation: Moyen âge et temps modernes,* 5ième éd. Sôbre os monumentos de Ravêna, a Bisancio italiana, consulte-se o interessante volume de Charles Diehl, *Ravenne,* ed. Laurens — Paris, 1907.

peito da infinidade de povos diferentes que pela sua Lei se regiam. As suas condições de estabilidade e a manifesta superioridade do seu talento governativo davam-lhe um prestigio tão grande que muitos bárbaros, como os francos, burgondos e wisigodos, não hesitavam em desertar em massa as suas terras, para se colocarem sob a protecção do césar, que nove decimas partes da população do imperio nunca vira e, talvez por isso mesmo, temia e respeitava como a um deus.

Outras e muito diversas eram as condições da sociedade que para lá do Reno e do Danubio ficava. O territorio da Alemanha actual encontrava-se parcelado, dividido por um sem-número de tríbus, que se não estimavam entre si e que, quando não guerreavam o Imperio, matavam o tempo batalhando umas com

as outras. Chefe supremo que coordenasse todas aquelas energias dispersas não havia. Quando muito suportavam, momentaneamente, qualquer *condottiere*, que a fortuna das armas em certo minuto bafejara e cujo prestigio findava com o primeiro revés ou com a morte, não chegando a criar tradição.

Este permanente estado de briga impedia o desenvolvimento de uma superior cultura do espirito, permitindo unicamente as profissões que podemos alcunhar de instinctivas: a pastoricia, a agricultura e a guerra. Só esta ultima seria capaz de fixar unidade, se fôsse servida por um plano politico nitidamente estabelecido, como sucedeu com a conquista romana. Ora esse plano não existia. A guerra entre os Germanos, porque era motivada por impulsos passionais e sofreguidão de pilhagem, ape-

nas logrou robustecer a barbarie e fomentar a dissociação.

Raça juvenil, fremente de acção e de paixões violentas, afeiçoando o ar livre e os scenarios naturais, que melhor falavam á espontaneidade do seu instincto, não podia intender as serenas discussões do *Forum,* entre alabastros plácidos e inertes. Para estes homens, que dormiam a cavalo e amavam com a simplesa de animais magnificos, só o que a vida lhes revelava directamente seduzia as suas irraciocinadas preferencias.

Quando se assembleiavam, escolhiam um recanto ao acaso sob a copa de um carvalho tutelar. E, ahi, sentados em calháus asperos, ouvindo o gorgolejar das fontes e o balir dos rebanhos, tumultuosamente deliberavam sobre uma guerra a fazer ou um crime a julgar.

Além da natural distincção entre for-

tes e fracos não havia outras hierarquias. Quem não podia brandir a massa de armas, que laborasse a terra. Os guerreiros eram os pares do seu chefe. Cada tribu formava um estado e todos se conheciam dentro de cada tribu.

Era o ensaio fruste da comuna medieval futura e das modernas democracracias.

Deste conflicto se entretece a historia dos primeiros séculos de barbarie, após a queda do Baixo-Imperio.

Se meu intuito fôra massacrar abusivamente a benévola atenção de Vossas Excelencias, eu poderia ainda — sem modestia e sem custo—longamente dissertar sôbre o assunto. Mas, porque ele vos é familiar e eu careço absolutamente de abreviar-vos, tanto quanto possivel, a

fastidiosa obrigação de me escutardes, deixarei em paz este confuso e tumultuário desenrolar de guerras, brutalidades e catástrofes de toda a sorte — tenebrosa retorta de alquimista maluco em que o mundo de agora já se sente obscuramente fermentar.

Não o abandonarei, comtudo, sem primeiro ter salientado a minha persuasão de que o riso não se sumiu da face da terra, mesmo neste cataclísmico período em que horrorosas pestes aniquilavam provincias inteiras e por cada espaço de setenta anos havia quarenta de fome e se chegara a comêr carne humana.

Riso brutal, decerto, gargalhar selvagem de mandibulas desconjunctadas, riso que faria desmaiar de espanto e de terrôr as *preciosas* do palacio Rambouillet e as marquesinhas liricas do Trianon —

mas riso verdadeiro, espontáneo, irreprimivel, riso de creanças e de heróes, riso sem adjectivos nem *parti-pris*, riso simplesmente e nuamente riso!

Eis, porém, que o ano mil se avisinha.

Por toda a cristandade supersticiosa vôa celeremente a crença de que o mundo vai acabar e todas as bôcas se contracturam num rictus de agonia, que enlividece e espectralisa as máscaras.

Inutilmente alguns doutores da Igreja procuram destruir o credo absurdo. Ninguem os ouve, ninguem acredita nêles. O sortilégio do número embruxa todos os cérebros e o contágio do mèdo acaba por ganhar aqueles mesmo que a principio descriam.

Então viu-se esta coisa de tragédia

esquiliana: multidões rouquejando de afli-
ção aos pés dos frades lívidos, dementa-
das procissões de fanáticos azorragan-
do-se até ao sangue, corais sinistras de
miseraveis erguendo para o céo parado
mãos súplices e crispadas, como, por
certo crepúsculo da Hélade, as mãos
convulsas das carpideiras, aos gritos junto
de Patroclo morto...

Ah! que supremo Artista, que semi-
deus d'Annunzio cantará a angustia dessa
noite de epopeia!

Senhoras e Senhores, perdoai a quem,
tendo-se proposto ocupar-vos do riso na
Meia-Idade mais não fêz ainda que pas-
sar-vos ante os olhos quintos-actos de
dramalhão histórico. E' que, para a mi-
nha sensibilidade e para o meu espírito,
esta profunda crise da velha civilisação

ocidental tem captivancias de côr, *sor-celleries* de mistério, de vida intensa e magnífica, que em nenhuma outra encontro e que nenhumas palavras sabem dar. Rasão por que...

Eu procurarei, no emtanto, absolvêr-me do venial pecado.

Ia dizendo que, ao aproximar do ano 1000, entre os cristãos se espalhara a crença de que o mundo ia acabar e que o terrôr do Fim exilára das bôcas pálidas o riso claro e sonóro de outras eras.

Breve, porém, se desfêz o cauchemarêsco bruxedo. Ao clarear da primeira madrugada do século XI, o homem, que — como escreve certo historiadôr de arte (*) — se deitára para morrêr, ergueu-se do seu catre, atónito e deslumbrado, e a cristandade toda respirou fundo, desopressa da lúgubre ameaça.

*) E. PÉCAUT E CHARLES BAUDE — *L'art*, 10ième éd.

Era o remoto milagre de Lázaro redivivo que em plena Meia-Idade se repetia.

Então foi pelo mundo adiante uma alegria desordenada, febril, quase dolorosa, como o casquinar das histéricas em face dum perigo que inesperadamente se desfaz. Libertas do cruciante pesadêlo, as almas, reconhecidas, volveram-se para Deus, para esse Deus de misericordia e de piedade que conjurára a apocalíptica ameaça. E as bôcas, que ainda hontem soluçavam *requiems* de desespêro, abriram-se num *te-Deum* imenso, que iluminava a terra como um sol de gloria e para o céo subia como o perfume de um roseiral sem limites.

A estas rudes creaturas, porém, não bastava o platonismo da oração. O seu ingénuo e sincero reconhecimento anceiava por encontrar uma forma de exteriorisar-se mais duradoira e efectiva que a

das palavras, que logo morrem mal nascem.

E encontraram a igreja románica.

Durante muito tempo o deus dos cristãos não tivera santuário próprio. O credo galileu, mesmo depois de perfilhado pelo Imperio, era prégado em casa de pagãos. E quando os recem-convertidos, no zêlo da sua fé, pretendêram repudiar os templos, que a idolatria dos antepassados para sempre havia maculado, e em seus espíritos nasceu o desejo de erguêr á Divindade nová um altar novo, foi ainda á *basilica* dos romanos que êles fôram pedir o plano arquitectonico de que tanto careciam (*).

Logo, porém, que as invasões cessaram e uma paz relativa trouxe um pouco de socêgo ao velho mundo *bouleversé*, começou-se a notar que o recinto esco-

*) SALOMON REINACH — *Apollo*, 5ième éd.

lhido não satisfazia as exigencias de sensibilidade que o Verbo nazarêno acordára em todas as almas.

Aquela grande sala nua, rectangular, monótona, de tecto horisontal e escassamente alumiada, em nada correspondia, ou antes, nada traduzia da aspiração ardente dos cristãos. Contra as pesadas traves de aquele tecto raso, baixo, opressivo, as azas brancas da oração esbarravam e, ensanguentadas, tombavam sôbre o lagêdo da nave, como pombas alvíssimas feridas.

A par desta objecção de ordem estetico-sentimental, outra, de naturêsa puramente material, mas não menos importante, havia a considerar: é que tal processo de construir oferecia inconvenientes serios, dos quais o menor certamente não era a cobertura dos templos, feita, em geral, com enormes pedras horisontais,

dificeis de obtêr, de trabalhar e de colocar. Para iludir este grave embaraço várias vezes se tentou substituir o granito por compridos pranchões de madeira. Mas a inovação fracassou, pois as inclemencías do tempo e os incendios muito frequentes em breve demonstraram a fragilidade do subterfúgio.

Foi então que o sistema das construcções abobadadas se apresentou ao espirito de não se sabe que obscuro arquitecto de génio, que, um dia, talvez em frente de uma arcada romana, as imaginou.

"Esta inovação acarretava uma série de modificações. Contrafortes exteriores, mas ainda pouco salientes, encostaram-se ás parêdes, exactamente nos pontos sobre os quais a abóbada fazia maior pressão. Pilares macissos, com columnas encravadas em cada uma das quatro faces, alternaram com columnas isoladas. Ras-

garam-se as janelas em cintro e, quando eram geminadas, uma claraboia as sobrepujava [1]".

Interiormente, a longa nave da basilica romana foi cortada, a dois terços do seu comprimento, por uma nave perpendicular, de menores dimensões, de sorte que o edificio ficou com a forma de uma cruz latina. Exteriormente, além das modificações já apontadas, outra se verifica, muito importante: o aparecimento do campanario ou campanarios, torreões macissos, aderentes ao corpo da igreja e servindo não só para instalar os sinos como tambem para vigiar os terrenos em volta, precaução naturalíssima n'aqueles tempos de guerrilhas quotidianas.

"Quanto á decoração, não se fêz caso algum da simetria romana. A forma e a ornamentação dos capiteis fôram

1) EUGÈNE VÉRON — *L'esthétique,* 1878.

completamente abandonadas á fantasia dos esculptôres. Ha igrejas románicas em que não é possivel encontrar dois capiteis similhantes [1]„.

Reparem agora Vossas Excelencias nesta gravura. E' um *croquis* da linda igreja de Poitiers, *Nôtre-Dame-la-Grande,* um dos mais belos monumentos religiosos da época que estamos analisando [2].

Frequente é encontrar nas historias de arte a afirmação de que esta arquitectura é triste, pesada, conventual, acompanhada da inevitavel explicação de que sómente á torturada, á sombria fisiono-

1) E. VÉRON — *Op. cit.*

2) Na impossibidade de reproduzir o *croquis* em referencia, indicamos ao leitor, que pelo assumpto se interesse, o livro já citado de E. PÉCAUT e CH. BAUDE e o valioso trabalho de ÉLIE FAURE, "*Histoire de l'art: L'art médiéval*„. Em qualquer de êles, bem como em qualquer antologia desenvolvida de artes plásticas, o curioso encontrará não só a reproducção do aludido monumento como a de outros, que o ajudarão a completar a sua visão estética dêste periodo.

mia moral da Idade-Média se póde e deve atribuir a feição particular de similhante arte. E' nesta altura que é de uso sacar dos tropos retumbantes, a que já tive ocasião de aludir nos umbrais de esta palestra, e dar cabo da pobre Idade-Média, carregando-a de nomes feios, mutilando-a ferinamente, enxovalhando-a e humilhando-a sem piedade.

Eu peço vénia para não juntar a minha debil voz ao côro dos apostrofadôres, sem que a minha renúncia, comtudo, signifique pretenção de afirmar que a êles não assiste o mais fugidio vislumbre de razão. Sim, a arquitectura románica, á primeira vista, é melancolica, soturna. Estas grandes paredes nuas e cegas, de uma espessura esmagadora, são rebarbativas, duras, quasi hostís. O interior da igreja tambem não nos dispõe melhor: a luz é coada por frestas

tuberculosas, abertas aqui e acolá, medrosamente, na mole compacta de granito. Sufoca-se lá dentro com tanta penumbra e tanta frialdade. Dir-se-hia que de aquelas pedras, de aquelas enormes pedras de castelo medievo, eternamente escorre um suor frio de terror.

Terão razão, portanto, os que no templo do seculo XI se obstinam em encontrar a mais fiel traducção do espírito supersticioso, coalhado de angustias e pavôres, que é para eles, o espírito do nosso antepassado feudal?

Todas as ideias, por mais absurdas, são defensaveis — e esta é-o mais que nenhuma. Todavia, parece-me que ainda aqui se toma um pouco a nuvem por Juno . . .

O ano 1000 passára e, com êle, um dos maiores pánicos da cristandade. Como é possivel que fossem tristes os ho-

mens que erguêram tais edificios, se êsses homens como que haviam renascido uma segunda vêz?

As próprias condições históricas da sociedade, que produziu a arte que estudamos nêste momento, parecem auxiliar a minha conjectura. O mundo feudal ganhára uma certa estabilidade. As exacções e violencias dos barões eram menos frequentes, porque o aparecimento das cruzadas afastára da Europa um grande número de esses senhores brigões e aventureiros. O camponez principiava a respirar. O fructo do seu penosíssimo labôr já lhe não era, como em tempos idos, insolentemente surripiado pelos vílicos do castelo. O direito era ainda a força, mas os costumes ganhavam cada vêz mais prestigio e o trabalho dos *glossadôres* começava a sêr encarado como uma tarefa util e necessária. Com

a paz veio um esboço de prosperidade e o oiro afluiu ao velho continente, arruinado e miseravel. O homem não era ainda feliz, decerto. Mas que diferença entre o passado próximo e aquêle presente, escancarado para um futuro de que havia tudo a esperar e nada a temêr, por as almas e os corpos estarem ha muito couraçados para todas as miserias!

Examinai de perto, agora, uma igreja de esta época. Vereis quão facilmente se dissolve a vossa primeira impressão, ante as surprêsas que vos reserva um exame mediocremente atento!

Arsène Alexandre, o historiadôr amavel da caricatura, afirma algures que os constructores do templo medieval quizeram "aterrar por meio das grandes linhas, alegrar e distrair pelo detalhe.„ (1)

Eu não saberia dizer-vos melhor nem

1) *Histoire du rire et de la caricature.*

mais completamente a minha ideia.

Com efeito, a igreja románica é pesada, austera, no seu conjuncto arquitectural—jocosa e satírica, frequentes vezes, em sua decoração.

Como interpretar esta contradicção?

Creio que facilmente, desde que saibamos que aos frades da época se deve o plano da referida igreja. Os monges eram, ao tempo, os unicos homens cultos da Europa meridional, que foi aonde a arte romanica nasceu e produziu os seus mais belos fructos. Refugiados nos mosteiros da montanha ou perdidos na solidão das florestas despovoadas, eles entregavam-se, nos intervalos dos oficios sacros, á piedosa tarefa de recolher os fragamentos da velha náu latina desmantelada, pondo, na lide ingrata, aquela amorosa e inabalavel tenacidade que mais tarde possuirá os tres precursores da

renascença medicénica: Dante, Petrarca e Bocácio. Que admira, pois, que, ao planearem a nova casa de Deus, eles se deixassem inconscientemente influenciar pela arte dos pagãos, cuja nobre simplicidade de algum modo era afim do austero evangelismo de então?

Uma força tenaz e obscura, porém, se opunha á realisação integral da concepção benedictina, erudita e grave: a imaginação popular. Mais puros de sugestões alheias, ignorando por completo a arte antiga e a teologia contemporánea, os pedreiros humildes, a quem a tarefa coubéra de erguer o templo, desforravam-se da *contrainte* monacal, dando largas á sua fantasia exuberante e um pouco desordenada, quando chamados a decorar os nichos, tímpanos, capiteis, portais.

Tudo quanto os interessava, todas as ideias que os preocupavam, uma dia-

brura que os fizéra rir ou um vicio que pretendiam stigmatisar, tudo nessas pedras ficou modelado pelo cinzel ainda ingénuo e balbuciante, mas já irreverente e malicioso, dos mestres canteiros da época.

E' certo que, por vezes, no meio de essas lavranterias do granito, uma cabeça monstruosa surge, relembrando antigos pavores. Simples capricho de esculptôr-contista, historiando o inferno á mingua de outro assumpto. O diabo era ainda temido, sem duvida, mas ao respeito de outrora começava a misturar-se não sei que vago halito de mordacidade jovial, que singularmente o apoucava . . .

Depois, por aquele principio que os psicólogos baptisaram de "lei do esquecimento activo" — o qual nos ensina que a memoria do homem tem repugnancia pelas recordações dolorosas e se esforça

por libertar-se de elas —, não me parece muito atrevida a afirmação que venho fazendo. Sôbre aquelas almas primitivas a lembrança da recente agonia pairava ainda sinistramente. Que é, pois, de admirar que eles, libertos do perigo buscassem atordoar-se, por um natural instincto de reacção, entregando-se francamente a uma alegria, que não souberam exprimir?

E é, talvez, porque não souberam exprimir-se porque não tiveram a ajuda-los um tecnica perfeita, que, ainda hoje, muitos afirmam, iludidos pelas aparencias, que a esculptura decorativa da igreja románica, é na maioria dos casos, recatada, austera e cheia de melindrosos pudores — quando a verdade é que ela não passa de um riso que foi mal rido.

Esta inconsciente revolta da imaginação espontánea e caprichosa dos artistas contra o dogmatismo árido de uma reduzida *élite* de eruditos foi lentamente preparando as almas e os olhos para o milagre ogival.

A Europa, mesmo durante as invasões, nunca deixára de estar em contacto com o Oriente. Com o advento das cruzadas as relações estreitam-se entre os dois continentes. Os bárbaros guerreiros, que do velho mundo abalavam á caça do infiel, voltavam de lá maravilhados com o explendôr de uma civilisação que não intendiam, mas que os perturbava como o perfume de uma flôr de estufa. E, nas desabridas noites de invernia, entre as parêdes fuligínosas dos donjons, ouvíndo crepitar os grossos tóros de carvalho na lareira, tudo

era arregalar os olhos deslumbrados para o rude homem de armas, que falava de êsses países longínquos como de um paraíso inegualavel, em que tudo fossem preciosíssimos brocados, joias scintilantes e palácios de mil côres, irreais como filigranas de cibórios!

Das altas salas do castelo a maravilhosa legenda descia até ao povo, trazida pela bôca de algum menestrel tagarela, que a recontava, prodigalisando tintas.

E sempre no auditorio havia um artista que a escutava, embebido, e se ficava sonhando, mesmo depois da historia concluída e a multidão dispersa...

Por uma gradual evolução, que não vem a pêlo detalhar, o gótico, filho espúrio do románico, aparta-se de êste

e, ahi por fins do seculo XII, adquire fóros de arquitectura original. O pleno-cintro, acanhado, frio, incómodo como uma grilheta, cede o logar á ogiva esbeltissima, que se ergue para o céo com a mesma graça alada de duas mãos que resam e o mesmo indefinido anceio de liberdade que faz estremecêr de entusiasmo as lanças compridas das comunas, luctando pela sua independencia politico-económica.

A insurreição lavra por toda a parte e em todos os campos. Já de ha muito o homem se rebelára contra a secura doutrinal dos teólogos, que prégavam o horrôr pela carne e só das almas curavam, minando-as de terror e desesperança [1]. "O cristão Abeillard nega o

[1] ÉMILE GEBHART, no seu curioso romance *Autour d'une tiare,* revive o duelo formidavel, através das predicas antagónicas do asceta Egidius e do tolerante bispo Joaquim, curiosa figura de pre-franciscano, que o auctor

pecado original, reabilita a dignidade dos sentidos e procura estabelecêr, pelo estudo imparcial da filosofia antiga e da doutrina dos Padres, a unidade do espirito humano, desde a antiguidade até á Idade-Media. Quatro anos depois da sua morte, Arnaldo de Brescia, seu discipulo, proclama a republica em Roma (1)„.

Entre a creatura e o Creadôr de novo se intromete a vida natural, terrena, humaníssima, que, em vez de ser um contacto de infamia e damnação, se torna no mais comovido meio de comunicar com Deus.

Certa manhan de chuva torrencial, Joaquim de Flora, numa qualquer humilde capela de aldeia, prégava sobre o pecado. Súbito, a borrasca serena e um raio de sol penetra alegremente na igre-

esboçou sugestionado pelo grande vulto do Santo que a Idade-Media com mais fervente e duradoiro culto venerou.

1) ÉLIE FAURE, *op. cit.*

ja, vestindo de oíro os ombros vergados dos ouvintes. Comovido, o bom do frade cala-se um instante e fica a olhar, extasiadamente, a nesga de luz... Mas logo recobra os sentidos e, entoando o *Veni-Creator*, sái com a multidão para o campo, a saudar o grande sol amigo [1]!

Cem anos mais tarde, á hora da sua morte, o maravilhoso pobresinho de Assis havia de renegar o ascetismo, pedindo perdão ao irmão corpo de o haver maltratado tanto. E, com o derradeiro suspiro, dos seus lábios exangues voariam para o céo os versos imortais do "Cantico ao Sol":

Laudato sia, Dio mio signore,
con tutte le tue creature! [2]

[1]) ÉMILE GEBHART — *L'Italie mystique.*

[2]) S. Francisco de Assis é o poeta máximo da Alegria — uma suprema figura de assombro. Na aurea legenda

A insurreição contra os moldes asfixiantes do Passado invade todos os campos, desperta em todos os corações o anceio do libertamento. Interpretes inconscientes do sonho comum, os trovadôres levam, de terra em terra, com o embalo das líricas de amôr e o vinho acre e forte das *canções de gesta*, o seu reportorio sempre aclamado de ***fabliaux***

do cristianismo não ha vulto que o excêda em belêsa moral, nem lábios que tenham rido um riso mais comovido e pacificadôr que o seu. O Snr. JAIME DE MAGALHÃES LIMA resume assim um dos pontos mais salientes da clara doutrina do *Poverello:* "A mágoa será pecado de rebeldia; não ha dôr que não se torne benéfica, para exaltação da carne ou do espirito; a desgraça é uma ilusão; a toda a sorte havêmos de sorrir; porque sempre, qualquer que seja, é caminho do bem. Todo o estado conduz à perfeição; em todo o momento trabalhamos na construcção de um edifício infindo de infinita belesa. A tristêsa será uma infidelidade religiosa; quem a admitiu no coração esqueceu o Senhor e os seus desígnios.„ Cf. *apud "S. Francisco de Assis„* pag. 150. Com o doce amigo do cardeal Hugolino (mais tarde Gregorio IX) o catolicismo atinge o seu mais belo significado e um dos pontos mais culminantes da sua história — só comparavel ao periodo heroico do Apostolado. A quem o assumpto desperte interesse aconselho a leitura dos três belos trabalhos do dinamarquês JOHANNES JOERGENSON, de uma rigorosa probidade scientifica e de um encantador relêvo literário: *Saint François d'Assise, Pélerinages franciscains* e *Le livre de la route* (trad. de Teodor de Wyzewa,) Perrin & C.ie, Paris.

mordazes e sirventes implacaveis (1).

Por toda a parte um ritmo surdo, mas grandioso e indomavel, anima a vida colectiva, conjugando energias dispersas, elaborando o sônho de deslumbramento que nas catedrais góticas se perpetuará. Muito fraco ainda para derrubar o barão feudal, o vilão procura neutralisar um poderio que o insurge, vinculando-se fortemente á comuna, isto é, á confraria dos seus pares. Assim

1) "*Les Fableaux* sont sur tous sujets: y paraissent Dieu, les anges, les diables, les saints, les chevaliers, les trouvères, les jongleurs (trouvères de second ordre), les bourgeois, les moines — très souvent — les paysans. Les hommes de toutes classes de la societé y sont moqués, quelquefois avec une extrême finesse, quelquefois avec une verdeur gauloise un peu rude. . . . . Les Fableaux peuvent être considerés comme la grande œuvre de sagesse bourgeoise, de bon sens un peu sec et dur et de gauloiserie divertissante du moyen âge. Les romans de renart sont du même genre, mais avec plus d'ingeniosité.„ *Cf.* E. FAGUET. *Petite histoire de la littérature française*, pag. 6 e 7. "Papas, reis e senhores, se nas canções recebiam a vassalagem da adulação, encontravam nas *cantigas de mal disêr* o mais desassombrado castigo e a mais dura vingança. A avaliar pelo que dos cancioneiros nos resta, o comentario politico e religioso teriam assumido uma extensão incrivelmente audaciosa„ *Cf.* HIPPOLYTO RAPOSO, *Sentido do Humanismo*, pag. 14.

fortalecido o seu esforço individual pela coordenação de mil esforços, sedentos de liberdade, êle poderá orgulhosamente solicitar do senhor os forais que o deixarão trabalhar em paz e erguêr, mesmo em face do castelo da senhoria, o seu *beffroi*, tão rendilhado e opulento como um templo ogival.

Para estas almas, cachoantes de revolta, um podêr ha, comtudo, que lhes não pésa, nem excita ódios: o poder de Deus. E' tambem o unico que aceitam sem murmúrio — mais, é o unico que amam. E amam-no com um ardôr tanto maior quanto mais funda é a miseria em que se debatem. Porque, para elas, amar a Deus é ainda de algum modo robustecêr a febre de insurreição que as abrasa, pois é tomar contacto com um *além* radioso em que não ha cavaleiros arrogantes nem servos espesinhados,

abençoado mundo em que todos são iguais e se não odeiam, jardim de maravilha eternamente florido por onde nunca passaram fomes, nem pestes, nem guerras incruentas.

Então as almas voltam-se para a casa de Deus na terra, para a igreja acolhedora e apasiguadora, na anciosa esperança de ahi vivêrem mais plenamente o sônho de universal fraternidade que as devora.

Em breve a estreita nave romanica se torna insuficiente para contêr a multidão, que ao assalto da felicidade confiada e alegremente avança.

A maré sóbe, engrossa, faz pressão contra as muralhas do velho templo, cujas pedras vão cedêr ante a irresistivel força de expansão da vaga rumorosa e formidavel. E quando, por fim, as broncas parêdes desabam e sôbre a terra alastra o entusiasmo novo, das águas vivas da inundação emerge, feminina, irreal, levíssima, a catedral

nova, como um lirio de milagre abrindo ao sol as suas pétalas de mármore!

Johannes Joergenson, o nobilissimo poeta dinamarquês, cuja recente conversão ao catolicismo fez de êle o mais enternecido dos historiadores de S. Francisco de Assis, conta, no seu «*Le Livre de la Route*», o seguinte delicado episódio.

Um dia, certo anonimo pesquisadôr de belas coisas, encontrando-se de passagem em não me recórda que medievesco burgo do Norte, lembrou-se de visitar-lhe a catedral — notavel reliquia de arte gótica, ao que parece.

Depois de a havêr miudamente esquadrinhado, quiz rematar o seu exame por uma ascenção ao mais elevado ponto da flecha, tão afusada e alta que os maiores edificios da cidade pareciam de joelhos aos

pés de ela. Ora sucedeu que, ao chegar lá acima, áquela imensa altura, o nosso curioso visitante inesperadamente esbarrou com um velho canteiro de longas barbas de prata, que, de cinzel e de martelo em punho, minuciosamente abria, num pedaço de granito desornado, um sem-número de minusculas flôres e outros *motivos* frageis. . .

Um instante interdicto, o turista acabou por interpelal-o, com um sorriso de piedosa ironia:

— Eh! meu amigo, êsse trabalho bem inutil me parece! Pois para que servirão tantos cuidados, se, lá de baixo, ninguem, absolutamente ninguem, poderá vêr e admirar a sua obra?!

Então, o pedreiro, volvendo para o indiscreto uns olhos plácidos e ingenuos, retorquiu brevemente:

— E que não vejam?! *Deus vê* — é

quanto basta.

E, de novo, o cinzel cantou sôbre o granito frio. . .

A' medida que o meu estudo mais intimamente me relaciona com a Meia-Idade, mais no meu espírito se radica a impressão de que pela bôca dêste velho obscuro lucidamente falam alguns séculos de Historia — quiçá os mais intensos, senão os mais belos, de quantos o homem até ao presente viveu.

" Deus vê! „

Pois não é verdade que nesta frase rápida, de uma singelêsa e de uma precisão de legenda latina, nêstes dois monosilabos breves, que facilmente cabem num hálito de creança, toda a Idade-Média se resume e como se justifíca amplamente?

" Deus vê! „

Sim, Deus vê. E porque Deus vê,

e para que Deus veja, é que os homens esventram montanhas e lhes roubam os mármores sem preço, vão ao fundo da terra cavar os finos metais e as pedras rutilantes, jogam a vida sôbre os mares traiçoeiros em demanda dos brocados e sêdas nunca vistas — e de todos êsses tesoiros confusamente amontoados arrancam, por fim, a mais audaciosa e deslumbrante maravilha do humano engenho: o templo gótico!

Sim, é porque Deus vê que os Van Eyck pôem todo o seu génio enorme no retábulo de Gand e Memling toda a sua indizivel candura nas telas do Hospital de Bruges; é porque Deus vê que Jehan Pucele, Pol de Limbourg, Jehan Fouquet e outros gastam uma vida inteira iluminando insonhaveis, preciosíssimos missais, livros de Horas e psalterios; é porque Deus vê que Fra

Angelico, o divino, ergue as mãos em résa antes de começar o seu labôr e nunca altera o que pintou, "*porque foi Ele quem guiou o seu pincel*"; é porque Deus vê que um formigueiro de arquitectos e mações levanta as catedrais de Amiens, Reims, Paris, Chartres, Bruxelas, Lincoln, Colonia, Strasburgo, e pintores as decoram, e esculptores as vestem de milhares de estátuas ([1]), e marceneiros as enriquecem com madeiras prodigiosamente lavradas, e vitralistas-poetas, perdulários de sonho e de emoção, lhes encastôam nas esguias ventanas ogivadas todos os milagres da *Legenda Sanctorum* feitos linha e côres inimitaveis. E é ainda porque Deus vê que a quasi totalidade dos artistas dêsses

[1]) «A fachada de Nossa Senhora de Paris, que està longe de ser a mais rica, tem sessenta e oito estátuas muito maiores que o natural e a maioria de elas executadas com rara perfeição; ha mais de cem em cada um dos pórticos de Nossa Senhora de Chartres e de Amiens». ED. CORROYER, "*L'architecture gothique*" pag. 157.

fecundos e gloriosos séculos de crença, de esperança, de legitimas revoltas, deixa por assignar as obras que das mãos palpitantes lhes sáem! Para quê assignal-as?! Assoldadados embora, êles trabalham com elevado ardôr, menos para agradar ao principe que os remunera, que ao Senhor *que os vê.* Os homens poderão esquecer-lhes os serviços e até os nomes; Deus é que sempre os recordará, pois por amôr de Ele labutaram.

A arquitectura religiosa da Baixa Meia-Idade é a creação suprema dêstes anónimos Homeros. Todos eles, possuidos de uma fé igual, trazem à obra comum o melhor do seu esforço: os artistas a sua arte, os sábios a sua sciencia, os rudes o seu braço e até os mendigos o seu óbolo. "Graças a êstes admiraveis trabalhadores, a catedral é um sêr vivo. uma árvore gigan-

tesca cheia de aves e flores. Mais parece uma obra da natureza que dos homens. . . A igreja é a casa de todos, a arte traduz o pensamento de todos. . . A catedral pode substituir não importa que livros. Só a França soube fazer da catedral uma imagem do mundo, um resumo da história, um espelho da vida moral (1) „.

Nunca o preceito d'anunziano: "*crear com alegria*„ foi tão escrupulosamente observado como nêste período. De aquelas pedras, amorosamente acasteladas até ao céo, num tão vertiginoso impeto que chega a causar arripios, irradia uma tal satisfação, um tal contentamento, que eu não sei de alma bronca que, em frente de elas, não entreadivinhe, um instante, as delicias da Terra Prometida!

Do sombrio templo románico já na-

1) MALE, cit. pelo DR. CABANÈS, *Mœurs intimes du Passé,* 3.ième, série Paris.

da ou pouca resta. O hieratismo e o convencionalismo decorativos do anterior periodo cedem o passo ao franco naturalismo do periodo que começa. Os grandes panos de muralha cega e quasi nua vestem-se, de alto a baixo, de prodigiosos lavores e surgem-nos agora tão recortados de altíssimas janelas, enormes rosáceas e frestas sem conto que a gente chega a ter a impressão de que a catedral está suspensa no ar!

Deixai o grande Taine dizer que o interior do edificio é lugubre e frio ([1]) e escutai-o antes quando ele vos descrever, na sua prosa sumptuosissima, tão luminosa e forte como um alabastro da Acropole, as catedrais de Assis e de Milão. ([2])

Não, meus senhores, a arte ogival não odiou a luz, antes a fêz a sua mais

1) *"Philosophie de l'art,,* cit., pag. 81 e seg.
2) *"Voyage en Italie,,* tômo II.

assidua colaboradôra e até por amôr de ela se perdeu. "A arquitectura gótica repudiou a obscuridade . . . Quando a catedral é obscura é porque o mestre de obras calculou mal o seu esforço, quiz obrigal-a a dar mais do que ela podia, ou pretendeu acumular nos seus flancos multidões sôbre multidões, como em Paris, aonde as quatro naves laterais aparecem esmagadas por galerias inúmeras. Se vestem as largas aberturas de vitrais, não é para entenebrecer a nave, mas para glorificar a luz ......
..........O vitral oferecia a sua matriz inflamada aos dias pálidos do Norte, para que o afago de êstes fosse mais quente á pedra que de todos os lados subia. Os seus azues liquidos, os seus azues carregados, os seus amarelos de açafrão e de oiro, os seus alaranjados, os seus vermelhos vinosos ou púrpu-

reos, os seus verdes densos, arrastavam ao longo da nave o sangue de Cristo e a safira celeste, o rubro das folhas de vinha que o outono crestou, a esmeralda dos longinquos oceanos e dos prados de em redor. Em verdade êle apenas atenuava as suas rutilantes policromias no fundo das capelas absidiais, aonde a mancha dos cirios fazia tremular a noite. Era um pretexto para acumular á roda do santuario a imprecisão angustiosa e a volúpia do misterio. Mas desde que o céo se descobre, a grande nave estremece de alegria e o cântico triunfal da luz espalha-se por toda ela em grandes lençois de oiro (1) „.

1) E. FAURE, *op. cit.*, pag. 229 e segg.

Eu termino.

"*Lunga fu la giornata*„ como diz o Poeta — longa e fastidiosa, ai de vós, ai de mim! Pilôto inhabil, atarantadamente guiei os vossos passos atravéz de regiões cuja extranha beleza a minha palavra dura e a minha sciencia minguada vos não souberam salientar. Adivinho os vossos reprochès e curvo, em silencio, a pecadôra cabêça . . .

Mas se, para não agravar as muitas culpas de que me acuso, vos poupo miudas justificações, outrotanto não posso fazer com respeito a certa falta, que absolutamente careço de explicar.

Prometi eu falar-vos do riso na Meia-Idade e, afinal, apenas vos contei — e quão pobremente o fiz! — da clara ale-

gria medieval.

Certo, o riso e alegria são irmãos. A's vezes, porêm, tão arredados andam um do outro, que mais se diriam extranhos que gerados no mesmo ventre. Nas máscaras dos que nos rodeiam quantos risos sem timbre! quanta alegria tam-bem que desconhece o esgar hilariante! E' que os primeiros, à similhança de certas bizarras plantas que não carecem da terra para viver, podem florir sem ter raizes na alma. Mas a segunda é o próprio humus que palpita sob o profundo beijo de Anteu, a própria alma exaltada e transfigurada. Joana de Arc, sagrando Carlos VII após a sua mar-cha heroica e miraculosa sôbre Reims, não sorriu; mas o seu coração batia as azas, festivamente, como uma pom-ba em maio. . . Sôbre o glorioso Monte Alverne, na manhan dos Stigmas, o

divino filho de Bernardone não sorriu tambem; mas os seus olhos brilhavam, como se toda a luz do sol lhe cantasse dentro do peito.

Foi de uma alegria assim que eu vos falei, de uma prodigiosa alegria que, durante séculos, fêz bater mais depressa o coração de um mundo adolescente — e não do riso que os homens dessas eras tão espontanea e clamorosamente riram. Porque, atravéz de todas as miserias, de todas as vexações, de todos os dramas, essas ásperas creaturas souberam rir o mais puro e claro riso que a velha Europa viu rir depois que os herois de Homero se calaram. Simplesmente — e com isto penso absolver-me da voluntária culpa — êsse belo riso não é para aqui, para um auditorio que tantas e tão gentilíssimas senhoras aformoseiam.

As catedrais medievas são verdadeiros museus de inconveniencias lavradas em granito. Nenhum acto, por mais íntimo, da vida de cada um se exime a figurar nelas com um realismo só familiar aos compendios de fisiologia ([1]).

De uma velha inglesa solteirona sei eu que, em frente de um capitel em que duas nudezes se enroscavam mais vivamente, ia rebentando de apoplexia. E, comtudo, lá na pensão belga em que a conheci, rosnava-se com bonhomia que Vesta talvez não fizesse boa cara às oferendas desta encortiçada pucela...

De facto, a chalaça dos nossos avós frequentemente descamba no escabroso. E as suas melhores *boutades* ainda são aquelas que só podemos contar aos amigos em noites de tertulia ruidosa ou, pelo telefone... às madamas cu–

[1]) CABANÈS *op. cit.*

riosas.

Ingenuos, simples, duma franqueza de crianças terriveis, amando rir e nunca perdoando a quem os arreliava, os maçãos obscuros que conceberam e realizaram a suprema obra de arte da Meia Idade jámais souberam calar o que lhes ia nas almas, quer se tratasse dum sonho, quer duma farçada.

Um companheiro fôra surpreendido numa atitude grotesca? Dias depois uma gárgula travêssa, suspensa no ar, faria rir toda a colonia de pedreiros e os fieis que entravam para a missa. Um juiz prevaricára, deixára-se subornar? O artista imortalisar-lhe-hia a façanha, pintando-o com orelhas de burro, pernas de pato e compridas garras de ave de prêsa.

A ninguem perdoavam, nem aos senhores que tudo podiam sôbre os corpos, nem aos clerigos, que tudo podiam

sôbre as almas.

Mas, eu nunca mais terminaria se começasse a desfiar o rosário de anecdotas que as velhas catedrais sabem de cór! . . .

Para V. Ex.as fazerem uma ideia mais precisa desta crua franqueza, passo a ler um fragmento de uma carta que Bocacio escreve a Mainardo de Cavalcanti, apreciando o "Décameron" e censurando este seu amigo por haver deixado ler tal livro às mulheres do seu *entourage*:

"Eu nunca poderei louvar-te por haveres deixado que as mulheres que te rodeiam lessem os meus carapetões. Rogo-te, por isso, que nunca mais consintas semelhante coisa. Bem sabes quanto desafôro e ofensas á decencia, quantas excitações aos amores impudicos, quantas passagens capazes de arrastar

à prática de más acções os corações mais experimentados nesse livro se encontram. Se as mulheres honradas, em cujas frontes brilha ainda o santo pudôr, se não deixam induzir ao adultério, tal leitura, no entanto, pode tornar as suas almas impudicas e vicial-as pela tara obscena da concupiscencia. No caso em que a honra destas mulheres não baste para te conter, então pensa na minha, pois aqueles que me lerem hão-de imaginar que eu não passo de um desprezivel alcoviteiro e de um velho debochado, divulgador das patifarias de outrem„ ([1]).

Que artista de hoje subscreveria tão desassombrado libelo contra a propria obra?

E já que evoquei a interessante figura do pitoresco filho de Certaldo, não

[1]) E. RODOCANACHI, *Boccace: poète, conteur, moraliste, homme politique*, Hachette, Paris, 1908.

a deixarei sem contar-vos uma anecdota que vos dirá, melhor que todos os meus comentários, como os nossos avós se desforravam dos remoques das donas que se burlavam de amorios.

Bocácio, já velho, tendo encontrado no seu caminho uma formosissima viuva florentina, apaixonou-se violentamente por ela. A dama, astuciosa e galhofeira, fingiu não desdenhar as homenagens do poeta, que, entusiasmado, lhe mandou cartas sôbre cartas, todas palpitantes dum amor vulcanico. A certa altura, a ironica deusa, sentindo a necessidade de pôr um dique forte áquela tumultuosa verbosidade e desejando imenso folgar de gôrra com as amigas, reuniu todas as cartas e publicou-as. O escandalo foi enorme em Florença. Então, para vingar os seus ultrajados brios de Lovelace serodio, o nosso

amoroso escreveu uma tremenda verrina contra as mulheres, a que pôs o nome de *Corbaccio* ou *O Labirinto do Amor*, por nela se tratar das angustias dum namorado perdido na floresta do Amor e que dela é tirado por um Espirito tutelar. O namorado, bem de ver, é o proprio Boccacio e o Espirito a sombra do marido morto, que vem do inferno à terra para desencantar o mísero transviado, a quem revela, complacentemente, toda a miseria fisica e moral do conjuge ironista.

Oiçamos a fala rancorosa:

"Quem a visse, como eu a via todas as manhans, com o seu barrete enfiado na cabeça, o manto de noite sôbre os ombros, ir acocorar-se à beira do fogão, e lhe tivesse contemplado os olhos ramelentos, encovados e baços, tossindo e cuspinhando sem-

pre, teria esquecido cem mil amores„.

E por êste diapasão afina o resto da tirada! Num dado momento abandona o seu caso particular e generalisa:

“ As mulheres apenas se ocupam de parecerem belas e serem admiradas. Nenhuma ha que seja ajuizada e capaz de agir criteriosamente. Todas elas são inconstantes, levianas, frívolas, querem e não querem uma coisa ao mesmo tempo, excepto se ela se relaciona com os seus desregrados apetites...... Fingem-se medrosas e tímidas; se estão num logar elevado, queixam-se de vertigens; se é necessario entrar num barco, aqui-del-rei que o seu delicado estomago não o suporta; se se trata de caminhar de noite, receiam encontrar espíritos, duendes e até mesmo ratos; se o vento sacode uma janela ou da

parede se despega uma pedrinha, todas se cobrem de suores frios.

Deus sabe, no entanto, como elas são atrevidas, quando se trata do que lhes apraz! Não há rudeza de logar, precipicios de montanha, altura de palacio, obscuridade de noite, que sejam capazes de as detêr!„ (1)

Não se agastem Vossas Excelencias, Minhas Senhoras, com as desamaveis reflexões do poeta, nem comigo tampouco, que apenas as reproduzo pelo saboroso pitoresco que encontro nelas. Tais desabridos queixumes, no fim de contas, só em favor da mulher redundam. De ela tudo se tem dito desde que o mundo é mundo — todo o bem e todo o mal. As mulheres fazem-me lembrar as obras de arte, que só são inteiramente más quando ninguem fala

1) RODOCANACHI, *op. cit.*

de elas. E a verdade, a grande verdade é que as mulheres são obras de arte de que nós, homens, constantemente e regaladamente nos ocupamos.

Mas se, para merecer o vosso perdão, isto não basta ainda, recordar-vos-hei que, enquanto Bocácio dava largas à sua misogenia de despeitado, o seu amigo Petrarca continuava a exalçar Laura e na memória de todos os corações persistia a saudade amorosissima da mulher de excepção que o Dante imortalisou!

*

* *

Com a Renascença o grande riso puro, vibrante, terra-a-terra, desaparece de todos os labios para dar logar à casquinada erudita e petulante do "humanis-

mo„. Os humoristas da transição — Ariosto, Rabelais, o nosso mestre Gil e, mais tarde, Molière, Cervantes, o pintor Brueghel-o-Velho e até o proprio Brantôme — são a gargalhada suprema, embora um pouco dolorosa, dum mundo na agonia.

Oh! o *De profundis* inegualavel!

De então para cá a alegria torna-se uma palavra quasi sem sentido, vocábulo inerte que os dicionarios — que são museus de palavras — guardam sómente para satisfação de arqueologos amadores de inutilidades. No dia em que o homem descobriu o sorriso e a ironia, da sua boca desertou para sempre o grande riso de outrora.

Hoje, esbofado por cincos duros seculos de marchas forçadas para a Civilisação, nem mesmo esse sorriso e essa ironia lhe restam! Quando tenta rir, os

musculos do *facies* resistem ao desejo, cavando-lhe mais fundo a sua tisica *grimace* de neurastenico arqui-civilisado; e, se procura ironisar, as palavras saem-lhe pela garganta com um rangido seco, gritante, agudissimo, de porta com gonzos pêrros.

PEQUENO MEMENTO ∴ BIBLIOGRÀFICO ∴

A. KRAFT, *Petit manuel d'architecture*, Georg & C.º, Bâle et Genève, 1899.

ALFRED LENOIR, *Anthologie d'art; sculpture et peinture*, Armand Colin, París, sem data.

ANDRÉ MICHEL, *Reims, Soissons, Senlis, Arras* — Mgr. BAUDRILLART, *Louvain*, Plon-Nourrit, Paris, 1915.

ARSÈNE ALEXANDRE, *L'art du rire et de la caricature*, Librairies-Imprimeries réunies, Paris, sem data.

A. RAGUENET, *Petits édifices historiques*, Librairies-Imprimeries réunis, 6 vols. Paris, várias datas.

CABANÈS (DR.) *Mœurs intimes du Passé*, 3 séries (especialmente a 3.ª) A. Michel, Paris, sem data.

CH. DIEHL, *Ravenne*, H. Laurens, Paris, sem data.

CH. SEIGNOBOS, *Histoire de la Civilisation*, (2.º vol.: *Moyen âge et temps modernes*), 5.ª ed., Masson & C.ie, Paris, 1905.

EÇA DE QUEIROZ, *Notas Contemporaneas*, Lelo & Irmão, Pôrto, 1905.

EDME ARCAMBEAU, *Les cathédrales de France*, 3 vols., A. Perche, Paris, 1912.

ED. CORROYER, *L'architecture gothique*, nova edição A. Picard & Kaan, Paris, sem data.

ÉLIE FAURE, *Histoire de l'art* (2.º vol. *L'art médieval)*, H. Floury, Paris, 1912.

E. PÉCAUT ET CH. BAUDE, *L'art*, 10.ª ed., Larousse, Paris, sem data.

ÉMILE BAYARD, *L'art de reconnaître les styles* Garnier Frères, Paris, sem data.

IDEM, *Les grands Maîtres de l'art*. Garnier Frères, Paris, 1909.

ÉMILE FAGUET, *Petite histoire de la littérature française*, Georges Crès & C.ie, Paris, sem data.

ÉMILE GEBHART, *L'Italie mystique*, 10.ª ed., Hachette, Paris, 1906.

IDEM, *Autour d'une tiare*, Georges Crès & C.e, Paris, sem data.

E. RODOCANACHI, *Boccace: poète, conteur, moraliste, homme politique*, Hachette, Paris, 1908.

EUGÈNE VÉRON, *L'esthetique*, C. Reinwald & C.ie, Paris, 1878.

GEORGE LAFENESTRE, *Saint François d'Assise et Savonarole, inspirateurs de l'art italien*, Hachette, Paris, 1911.

HENRI HYMANS, *Bruxelles*, Laurens, Paris, 1910.

HENRY MARTIN, *Les peintres de manuscripts et la miniature en France*, Laurens, Paris, sem data.

H. ROUJON, *Breughel-le-vieux*, Lafitte, Paris, sem data.

HYPPOLITE TAINE, *Philosophie de l'art*, 2 vols. 13.a ed., Hachette, Paris, 1909.

IDEM *Voyage en Italie*, 2 vols., nova edição, Hachette, Paris, 1910.

HYPPOLITO RAPOSO, *Sentido do Humanismo*, França Amado, Coimbra 1914.

JACQUES DE VORAGINE, *La légende dorée*, Perrin & C.ie, Paris.

JAYME DE MAGALHÃES LIMA, *S. Francisco de Assis*, França Amado, Coimbra, 1908.

JOHANNES JOERGENSON, *Saint François d'Assise, sa vie et son œuvre*, 13.a ed., Perrin & C.ie, Paris, 1910.

IDEM, *Pélerinages franciscains*, 9.a ed., Perrin & C.ie, Paris, 1912.

IDEM, *Le livre de la route*, 3.ª ed., Perrin & C.ie, Paris, 1912.

SALOMON REINACH, *Apollo, histoire générale des arts plastiques* 5.a ed., Hachette, Paris.

Enciclopedia universal ilustrada europea-americana. (Tomo XI art.: *Caricatura*) José Espasa é Hijos, Barcelona, sem data.

Nouveau Larousse illustré, (Tomo II, art.: *Caricatura*) Larousse, Paris, sem data.

Le vieux Paris (Guide historique, pittoresque & anecdotique) Impresso chez Ménard et Chaufour, Paris. (Exposição Universal de 1900).

ÍNDICE